

**A CRIANÇA E O ESPAÇO VIVIDO FAVELA: A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO NAS INTERAÇÕES
DA INFÂNCIA** | Glauci Coelho, Cristiane Rose Duarte, Vera M. R. de Vasconcellos

Arquiteta | professora mestre | Proarq/UFRJ | glaucicoelho@yahoo.com.br

Arquiteta | Professora doutora | Proarq/UFRJ | crduarte@ufrj.br

Psicóloga | Professora doutora | PROPEd/UERJ | vmrv@openlink.com.br

A CRIANÇA E O ESPAÇO VIVIDO FAVELA: A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO NAS INTERAÇÕES DA INFÂNCIA



INTRODUÇÃO

Este trabalho entende a favela como um espaço vivido, tendo como suporte espacial uma morfologia que configura o “lugar-favela”. Esse “lugar-favela” se construiu ao longo de décadas com base em lógicas culturais próprias, elaboradas pelos grupamentos socioculturais que nelas habitam. Para a caracterização desse lugar, buscamos coletar as representações simbólicas do que é a favela, geralmente por meio de falas e imagens gravadas no imaginário coletivo de seus habitantes.

O objetivo de nossa pesquisa foi entender o espaço vivido favela na perspectiva das crianças que, ao se apropriarem dos espaços livres, articulam situações reveladoras da identidade do lugar. Por conseguinte, essa relação da criança com o meio converte-se em uma das peças fundamentais e tecedoras da construção do indivíduo, que analisamos com base na idéia de Vigostsky (2002). Nesse contexto teórico, nosso objeto de estudo, a favela, se coloca cultural e complexamente como um lugar topológico (Tuan, 1980), de domínio dos seus habitantes; mas é ainda uma parcela do todo urbano em que está inserida.

ESPAÇO EM TENSÃO: ESPAÇO (RE)-SIGNIFICADO COTIDIANAMENTE

Historicamente, a vivência favela é detectada no Rio de Janeiro desde o início do século XX e reflete, nas palavras de Perlman (1977, p.40), “um jogo de forças sociais” que dita suas próprias leis e códigos culturais (Duarte et al., 1996), que é expressa pela necessidade

de habitar a “custo zero” e que consolida territórios diferenciados por estarem à margem da cidade instituída pelas leis e normas urbanísticas.

Assim a favela caracteriza-se como um espaço “marginal”,¹ periférico, com sua lógica de ocupação diferenciada da cidade instituída (Duarte et al., 1996; Duarte, 2004). Desse modo, vemos que, à sua maneira, as crianças que moram nas favelas reconstróem os lugares em suas brincadeiras e constroem sua identidade interagindo com a imagem percebida de sua ambiência.

Para compreender e analisar a partir de tal pensamento, valemo-nos da noção de complexidade de Venturi (1995, p.44), que expande o espaço urbano ou arquitetônico justamente ao dizer que “o significado pode ser realçado por uma transgressão da ordem”. Para esse autor, é exatamente nas possibilidades de significados variados que um espaço pode oferecer a rica complexidade espacial.

Quando dizemos que nas favelas as funções dos espaços livres são elásticas, concordamos com Magnoli (1983, p.49) ao afirmar que a “classificação por funções [do espaço] é tarefa bastante complexa já que não se auto-selecionam por funções”. A característica significativa maior do espaço não está na função que se determina para ele, mas sim na capacidade que esse tem de ser vital,² na possibilidade tanto física quanto subjetiva das variadas possibilidades imaginárias que esse oferece aos indivíduos. E em favelas essa característica do espaço é peculiar, se observarmos que a utilização de seus espaços livres por parte dos seus habitantes mirins se destina a diversos propósitos no instante da brincadeira, convertendo-os em lugares sempre propícios ao brincar no imaginário infantil.

Essa influência mútua meio-indivíduo nos permite, no âmbito das significações vividas no cotidiano do lugar, destacar e abordar os espaços livres da favela em suas partes físicas casa e rua, considerando esses dois universos semânticos (casa e rua) tal como são analisados por DaMatta (1997). Na favela, essas duas categorias espaciais apresentam uma constante complementaridade mútua, que resulta em um espaço de mediação, cujas fronteiras oscilam e são mutáveis a partir de usos e significados que se alteram no decorrer do dia.

O VIVIDO PELA CRIANÇA NA FAVELA

Entendemos o espaço livre na favela como “todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz) ao redor das edificações a que as pessoas têm acesso” (Magnoli, 1983). Morfologicamente, esse espaço livre se apresenta como residual, ou seja, não existe um planejamento da estrutura dos espaços da favela nos termos das leis edilícias formais.

A paisagem da favela se caracteriza, assim, pelo empilhamento de construções nos planos horizontal e vertical, conformando becos, escadarias e largos, e ainda onde a área construída é encimada por lajes livres que funcionam como espaços semipúblico.³ Essa

organização do espaço característica das favelas gera exíguos espaços de circulação e lazer comum, onde muitas vezes a vida íntima da casa volta-se para a rua, o que explica a ambigüidade da fronteira física para quem não habita no lugar, mas não da fronteira simbólica que é demarcada e entendida pelos códigos internos de convivência. Isso gera ambientes em constante reconstrução com seus espaços livres recriados e (re)-significados a todo instante por “uma sociedade que inventa o próprio espaço a partir da relação como um valor e como uma positividade” (DaMatta, 1997, p.25-6).

Em nossa pesquisa, analisamos as formas de articulação desses espaços pelas crianças do local, e vimos que as crianças da favela estabelecem com o lugar relações afetivas, que cimentam suas identidades em constantes interações com o meio.

Fischer (1994, p.23) diz que o território que é enraizado pelo indivíduo é “um campo topológico, ou seja, o corte de um espaço físico em zonas subjetivas delimitadas pela qualidade das relações estabelecidas com ele”. A constituição do real no mundo da infância não toma somente a cultura como agente construtor, mas destaca também o suporte espacial do lugar. As interações da infância nesses ambientes co-constroem com a cultura o espaço vivido da criança, onde, à medida que ela avança com suas experiências afetivas sobre o espaço, agrupa valores que reorganiza o seu estar no mundo.

A brincadeira é uma das interações habitual da infância que transforma por meio da imaginação o espaço vivido como espaço afetivo. Vigotsky (2002, p.122-3) afirma que no brincar a criança cria uma situação imaginária que “está presente no consciente, e como todas as funções da consciência, ela surge originalmente da ação com o outro”.

Assim, à medida que cresce, ela se relaciona a objetos, e posteriormente a localidades, até a idéia de lugar tornar-se mais específica e geográfica (Tuan, 1983). Compreende-se, por meio da idéia de Lugar, que o sentimento de pertencimento da criança marcando o seu território de domínio a faz transformar o ambiente em espaço íntimo, isto é, um Lugar, que lhe dá a sensação de segurança.

A experiência da brincadeira guarda, assim, um sentido de domínio do espaço, fazendo que a criança conheça melhor a si mesma, o que lhe possibilita desenvolver sua auto-estima e estabilidade emocional. O espaço, como um dos agentes construtores, contribui nesse processo com as diversas possibilidades de apropriação vividas em brincadeiras, e que são despertadas no imaginário infantil.

LEVANTAMENTO E MÉTODO DE ANÁLISE

Como dissemos, a pesquisa⁴ elegeu como estudo de caso a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, e adotou uma abordagem interdisciplinar que pondera as áreas de arquitetura, urbanismo, psicologia, geografia, filosofia e antropologia.

Assim, a leitura da complexidade das relações da criança ao brincar nos espaços da favela da Rocinha constituiu-se em reunir acontecimentos dentro de um espaço vivido pela criança que se soma à experiência do pesquisador.

O diário de campo nos forneceu dados para abordagem complexa e participativa, a possibilidade de uma análise qualitativa, com relatos de imagens do lugar e descrição de acontecimentos e falas, elaborada a partir da rede de relações interpessoais estabelecidas na favela.

Ao longo de quatro meses, permanecemos rotineiramente várias vezes por semana na favela. O ponto de partida para as observações foi o “Projeto Curumim”.⁵

A metodologia de coleta de campo incluiu o uso de fotos, observações em caderno de campo e conversas informais. Da mesma forma, foram registradas a participação do pesquisador nas andanças e a análise de desenhos infantis de um grupo de crianças de sete a doze anos, participantes do “Projeto Curumim”.

OBSERVAÇÕES E COMENTÁRIOS SOBRE OS ESPAÇOS APROPRIADOS NO BRINCAR

Percebemos que os espaços livres da favela da Rocinha são apropriados de diversas formas, e os que ganham maior visibilidade são os becos e as lajes. Nesses, as crianças do lugar vivenciam a favela em brincadeiras diversas.

Vimos também que existe um reconhecimento do prolongamento do Lugar-Rocinha, percebido pelas crianças tanto em seu sentido físico quanto subjetivo, na apropriação de espaços extramuros, como espaços livres que também passam a ser usados em brincadeiras das crianças do lugar. Assim, a Floresta da Tijuca e a Praia de São Conrado (locais vizinhos da Rocinha) se convertem, ainda que imaginariamente, como prolongamento da Rocinha, ampliando geograficamente o espaço de domínio de seu habitante-criança.

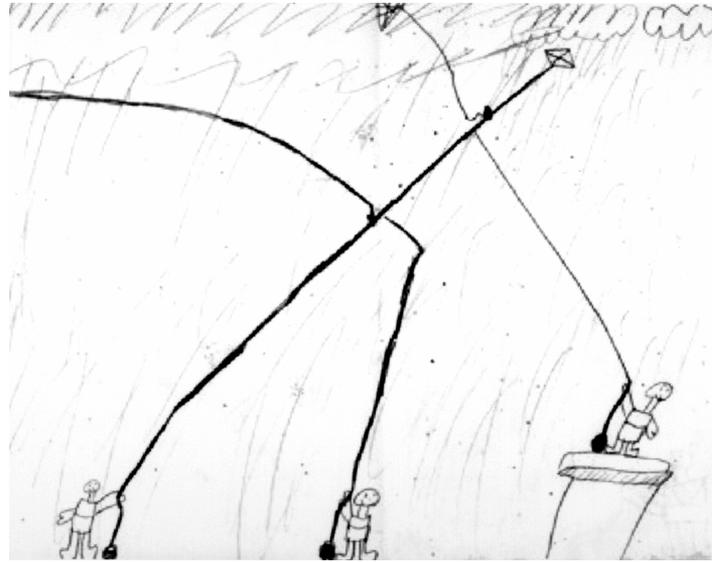
a) Brincar nas lajes

O primeiro espaço livre destacado em nossa pesquisa são as lajes sobre as casas, que na Rocinha são locais privilegiados para atividades de integração social entre crianças e adultos. Nesses ambientes, adultos e crianças se distribuem em diversos usos, transformando as lajes em ambientes domésticos, ou usando-as como uma espécie de praça propícia para a socialização.

A geografia íngreme da Rocinha e a implantação densa de suas construções possibilitam que as lajes sejam usadas também como via de pedestres, muitas vezes mais acessíveis do que as calçadas. Nas lajes, as crianças se locomovem de forma ágil, ocasionando a necessidade de “pulos” sobre pequenos precipícios.

Vimos que esse deslocar favorece não só o conhecimento da permeabilidade da favela, mas também que a criança tenha a percepção da favela “de cima”, aumentando gradativamente o domínio espacial do lugar e fazendo que elas se apropriem de um território cada vez mais vasto, facilitando o processo de enraizamento. Porém, trata-se de um tipo de apropriação mais masculina do que feminina, exigindo das crianças esforço físico e atitudes arriscadas.

A apropriação do espaço sobre as lajes das casas é frequentemente ilustrada em falas isoladas de adultos e crianças, que afirmam ser as lajes os únicos locais disponíveis para as atividades interacionais. São diversas as maneiras como as crianças se apropriam desses espaços, mas sem dúvida a mais significativa se refere ao brincar de pipas.⁶ Novamente, trata-se de uma brincadeira recorrente dos meninos (Figura 1). Outras brincadeiras são comuns nesses espaços, tais como “rodinhas de conversas” entre meninos ou meninas e jogos de “faz-de-conta”, sempre observados ao entardecer, quando a incidência solar é menor.



FONTE: GLAUCI CORELHO

Figura 1 – Desenho de menino com nove anos que simula a brincadeira de pipa sobre a laje em interação com outras crianças.

b) Brincar nos becos e escadarias

Outros espaços de brincadeiras privilegiados pelas crianças da Rocinha são as áreas residuais que se formam entre as casas da favela, os becos e escadarias. É constante a presença de crianças, meninos e meninas, que interagem em brincadeiras de “-pique-pega” em diversos becos e vielas. Observamos também grupos de meninas que jogam “queimado”, enquanto meninos brincam de “futebol” e “bola de gude” (Figura 2).

Já nas áreas menos densas, os espaços livres entre as casas são maiores e mais vegetados, conformando quintais que lembram pequenos roçados. Nesses casos, percebemos que a relação da criança com o ambiente natural é mais direta, geralmente interagindo com elementos da natureza: brincam de “comidinha” usando plantas e pedaços de cascas de árvore, sobem em árvores ou as usam como marcos de brincadeira (pedras viram ponto de pique-pega, arbustos viram trave de futebol etc.).

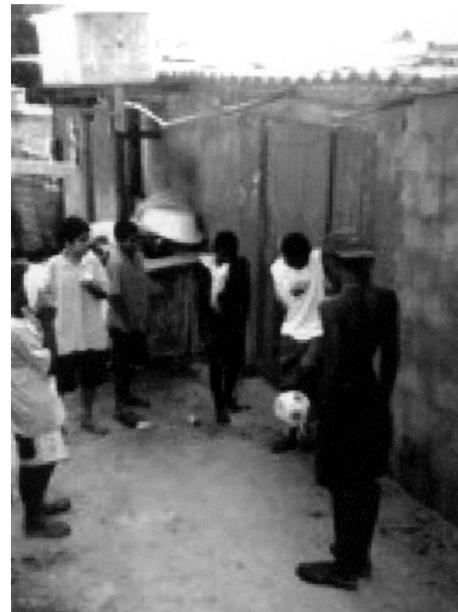


Figura 2 – Meninos jogando “bola” num beco da Rua 1.

c) Brincar nas praças, parques e quadras

Não apenas os espaços livres residuais na favela da Rocinha são apropriáveis pelas brincadeiras infantis. Existem aqueles que os moradores denominam “espaços oficiais de brincadeiras”: praças, parques de brinquedos e quadras desportivas pavimentadas. Muitas dessas praças foram originadas de espaços vazios, demarcados como área de encontros comunitários e que, ao longo do tempo de existência da favela, sofreram

algum tipo de intervenção, seja de moradores ou do poder público seja ainda do “poder paralelo”,⁷ recebendo algumas melhorias das condições físicas e consolidando-se como praças e parques.

Na favela da Rocinha destacamos três quadras pavimentadas: *Cachopa*, *Laboriaux*, e *Terreirão da Rua 1*, todas com características e usos bem distintas. O fator de maior relevância observado nesses ambientes é que o uso deles tanto pelas crianças como pelos adultos está sujeito à aprovação do poder paralelo ou submetido às regras de funcionamento local.

Na quadra *Cachopa*, o uso do espaço pelas crianças é livre, porém é comum o desenvolvimento de programas esportivos comunitários, tais como aulas de futebol e capoeira. As brincadeiras sempre privilegiam a presença da bola como instrumento de interação entre as crianças, e os jogos são geralmente o futebol e o queimado.

A quadra do *Laboriaux* é um espaço bem estruturado, com vestiários e mesas de jogos dentro de uma grande área descampada que faz margem com a Floresta da Tijuca Adjacente a uma escola, a quadra funciona como área de educação física dessa escola. Os eventuais campeonatos de futebol e churrascos, entre adolescentes e adultos, sob a aprovação do poder paralelo, também são comuns nessa quadra. Essas “regras de uso” de um espaço teoricamente público são percebidas e respeitadas pelas crianças do local. Todas “sabem” como usá-lo e quando “podem” ou não se apropriar do local.

A quadra que mais nos surpreendeu, tanto pelo tamanho como pelas relações hierárquicas que regem as complexidades espaciais da favela, foi, no entanto, a chamada quadra do *Terreirão da Rua 1*, que se caracteriza como uns dos lugares mais proibidos da Rocinha. Anunciado, inicialmente, como um dos locais propícios para brincadeiras infantis, tal

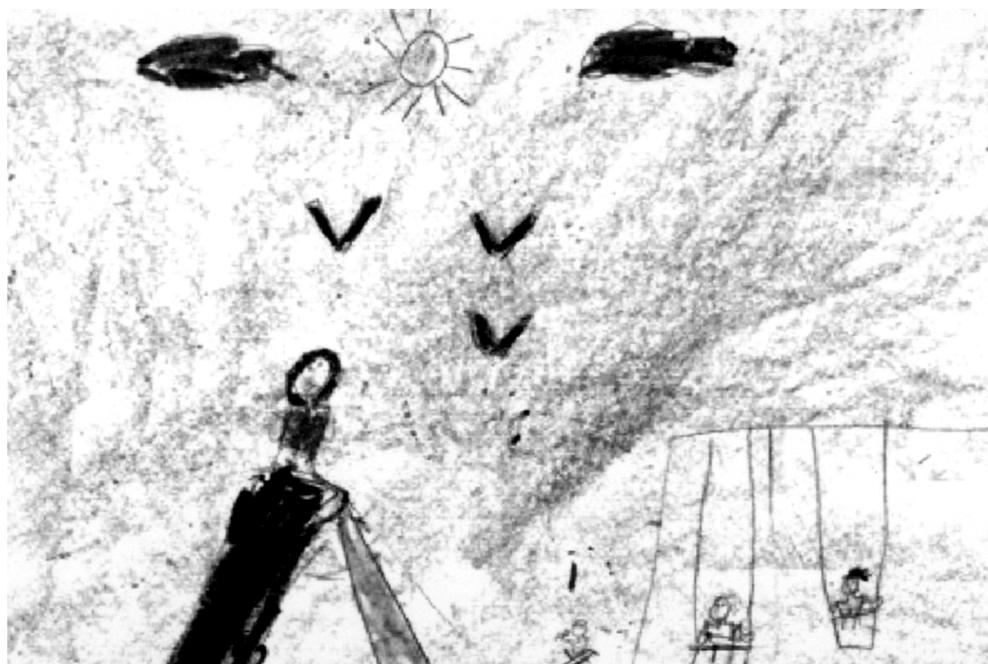


Figura 3 – Desenho de menina de oito anos da Rua 1 representando o parquinho de brinquedos e destacando o escorregador e o balanço, onde a figura humana aparece interagindo com todos estes.

espaço se revelou o mais controlado pelo poder paralelo e cercado de tabus. Essa quadra é equipada com vestiários, arquibancada, cantina, terraço panorâmico e mesas de sinuca e pingue-pongue.

Anotamos em nosso diário de campo que, quando estão na quadra do *Terreirão da Rua 1*, as crianças se distribuem no espaço de diversas formas, onde a estrutura física se faz suporte das brincadeiras. A arquibancada, por exemplo, pode representar uma grande arena no “faz-de-conta” dos meninos de seis anos que ali brincavam de “Power Ranges”, alternado-a com a laje do vestiário e a floresta ao redor.

O campo de futebol que ocupa parte da quadra do *Terreirão da Rua 1* é usado pelas crianças com atividades diversas, como “pular corda” e brincar de “piques. Percebemos que as crianças compreendem que esse é um espaço “excepcionalmente permitido” às brincadeiras. Nessa quadra, as crianças correm de uma forma que não conseguimos observar em outros ambientes. Seus corpos expandem-se sobre o espaço, materializando por meio de suas fantasias no “faz-de-conta” variados sonhos. A imagem que nos passa é que nesses espaços amplos elas dão vazão pela brincadeira a toda falta de espaço e habitabilidade que vivem em seu mundo real.

Na seqüência organização do lugar de brincadeira, existe ainda o parquinho de brinquedos (Figura 3) e o *largo do Terreirão da Rua 1*, ambientes conservados pela comunidade e intensamente apropriados pelas crianças da localidade.

d) Brincar fora dos limites da favela

A Canaleta

Um espaço de brincadeiras arriscadas é a canaleta de drenagem do Morro Dois Irmãos. Trata-se de uma grande “calha” de drenagem das águas que escorrem pela encosta do morro e que, anteriormente, alagavam e propiciavam desbarrancamentos junto às casas situadas em locais mais íngremes. A canaleta representa para as crianças da favela um limite do território apropriável. A brincadeira é valorizada pela possibilidade do risco.

Os espaços vividos nas brincadeiras das crianças da Rocinha não se limitam, porém, aos lugares internos à favela, pois vários espaços de seu entorno se revelaram importantes na construção de suas identidades a partir do ato de brincar: a Praia de São Conrado e a Floresta da Tijuca na franja da favela são exemplos desses locais.

A Mata

Vimos que nos espaços próximos à mata fechada da floresta da Tijuca, na localidade conhecida como *Laboriaux*, a relação dos moradores com a mata é intensa, servindo a vários fins, dentre eles a exploração de seus recursos naturais para consumo próprio ou venda em feiras para geração de rendimentos, além das habituais incursões à procura de cachoeiras ou áreas propícias a qualquer tipo de atividade.

Na floresta no limite com o *Laboriaux*, o objetivo final das crianças é atingir o que alguns denominam “cachoeira”, mas que na verdade é uma represa de água da Companhia Estadual de Água e Esgoto (Cedae), que abastece a favela Parque da Cidade. Esse lugar nos revelou estar cercado de histórias que povoam o imaginário das crianças, muitas vezes tidas como verdade por elas, mas que nos pareceu não passar de contos de adultos para controlar atitudes arriscadas:

Contam que um menino havia se afogado e também que um outro menino havia morrido ao tentar tirar o tampão que tem no meio da represa e ficou preso, lugar este que ninguém mais ousou chegar. (Coelho, 2004, p.164)

Vimos que as crianças vêm-se extremamente atraídas por atividades que privilegiam o contato com a natureza, quando a percepção de mundo torna-se mais ampla, o sentido apreendido é de exploração do espaço, como nas brincadeiras da canaleta de drenagem. As brincadeiras na mata são fantasiadas à medida que percorrem as trilhas, revelando descobertas e aventuras no contato com o mundo natural. Contudo, esse sentimento de segurança é alterado se existe algum conflito entre o poder do tráfico de drogas e armas, que converte o local em um espaço proibido e muitas vezes utilizado tanto pelo tráfico como pela polícia como lugar de esconderijo e conflito armado.

A Praia

Vimos que a vontade dessas crianças de terem contato com a água de riachos e de lagunhos é imensa. Novamente constatamos que esse fato está bastante relacionado com as

suas condições de moradia, sempre em espaços minúsculos, e muitas dessas moradias sem infra-estrutura de abastecimento de água, impelindo os moradores a tomarem banho ou lavarem roupas em poços ou em tonéis. A partir disso, outro lugar revela-se como espaço afetivo às crianças da Rocinha, a Praia de São Conrado.

Nossa pesquisa revelou que, para as crianças da Rocinha, a praia, o morro e o espaço construído com casas



Figura 4 – Desenho de menino de nove anos que também representa a praia sem o bairro de São Conrado, destacando somente o surfe como brincadeira.

e becos fazem parte de um todo indivisível, apropriado e compreendido como o território deles. Algumas crianças representam a Praia de São Conrado em seus desenhos e todo esse cotidiano vivido por elas sempre se inserindo no espaço por meio da representação da figura humana (Figura 4).

Em nossa pesquisa constatamos que as crianças da Rocinha identificam a praia como seu território, e servem-se dela como meio

de reverter a faceta da identidade de “favelados”, categoria vista de forma pejorativa pelos demais moradores da cidade.⁸ Sendo a Praia de São Conrado um local privilegiado e valorizado tanto pela especulação imobiliária como pelos próprios habitantes do Rio de Janeiro, ela é o Lugar das crianças da Rocinha, que constroem um discurso no qual a praia se converte em *praia da Rocinha*.

A vista privilegiada que se tem do mar, a partir de diversos pontos da Rocinha, também pode ser um dos motivos dessa relação de “posse” que as crianças têm com a praia. Porém, a questão que nos pareceu mais relevante para a reprodução do sentimento de posse da praia pelos moradores é o fato de a Rocinha existir há mais tempo do que os condomínios dos “ricos”. De fato, por ter sido ocupada desde início dos anos 1920, a Rocinha cria no morador da favela uma relação de domínio do território, que para ele é legitimado pelo tempo de moradia e de enraizamento de seus ancestrais naquele lugar há várias gerações. Esse ponto de vista não é compartilhado pelos moradores de classe média alta de São Conrado, mas é suficiente para o habitante da Rocinha considerar a praia como seu território.

Embora detenham a idéia de que não são parte da categoria “garoto da zona sul”,⁹ buscam nas interações da brincadeira com o lugar construir uma identidade que os inclua numa realidade que é sonhada e almejada por eles.

Isso pode ser comprovado desde o “faz-de-conta” de uma menina que entrevistamos, que enxerga na Rocinha “o monstro” e “Deus” como uma possibilidade de “fuga” do lugar, até a transformação da brincadeira de “pipas nas lajes”, que marca a identidade das brincadeiras na Rocinha em “pipas nas pranchas de surfe”.

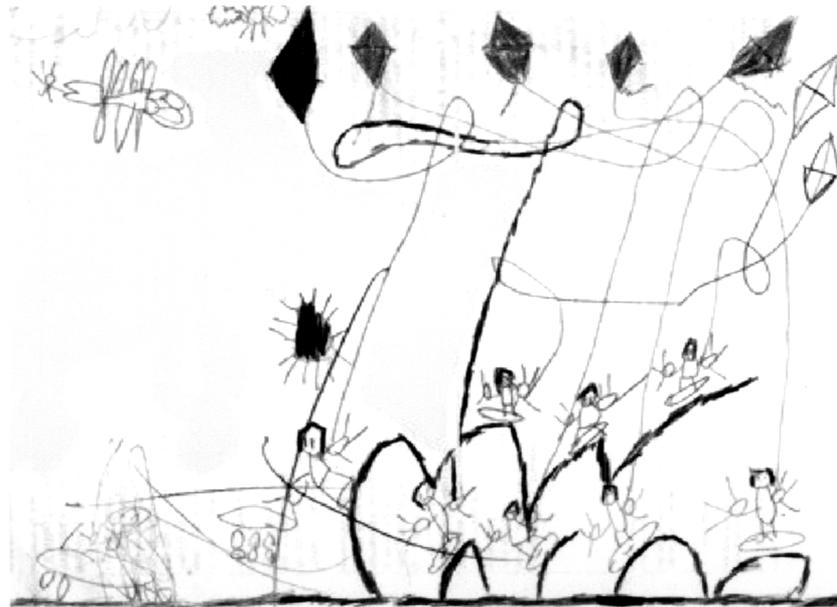


Figura 5 – Desenho de menino de nove anos que representa o brincar na favela com o brincar do asfalto, pipa e surfe, sem indicar os espaços Rocinha e São Conrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A COMPLEXIDADE DO ESPAÇO POR MEIO DAS BRINCADEIRAS INFANTIS

Buscou-se, no presente artigo, tecer comentários acerca de alguns espaços apropriados por brincadeiras de crianças da favela da Rocinha, verificando por meio da interação com o espaço vivido os significados que a favela poderia assumir para a criança, desvendando o elo de afetividade como forma de constituição das identidades indivíduo-meio.

Dessa forma, categorizamos os espaços de ação das crianças na favela, onde observamos suas brincadeiras e em alguns desenhos as referências feitas à favela em relação à cidade formal. O estar e o ser da criança da Rocinha são marcados pelo brincar de “pipas nas lajes” e “pique-esconde” nos becos, brincadeiras que identificam o lugar, evidenciado nos desenhos representados. Vimos que essa interação com o ambiente vai construindo nas crianças reconhecimento de si-mesmas no cotidiano da favela. As experiências com o lugar no brincar, nas falas e nos desenhos as posicionam afetivamente no todo entre a favela e o asfalto.

A memória coletiva da comunidade, a origem nordestina, o sofrimento de adaptação dos primeiros moradores do lugar também aparecem nos usos e nas apropriações dos espaços, contribuindo na construção da identidade de seus moradores mirins.

O reconhecimento da identidade com o lugar também é destacado no imaginário do “faz-de-conta” das crianças que, ao descreverem ou desenharem a favela, sempre reconhecem a outra realidade, a do asfalto, não a excluindo, mas interagindo com ela na complexidade dialógica e recursiva. O outro, seja pessoa seja lugar, sempre se coloca como referência, localizando-a no seu cotidiano pelo entendimento da diferença.

O pertencimento da criança da Rocinha nos limites informais da favela é ultrapassado quando ela identifica no seu brincar que o cotidiano vivido nos espaços da cidade formal também complementa e legitima o seu estar na cidade. Destaca-se nesse processo a Praia de São Conrado, um lugar que dá aos moradores sentimento de posse e de dominação como território das brincadeiras e pertencimento ao lugar.

O elo de afetividade com a praia é percebido historicamente: o lugar primeiro pertenceu aos moradores da favela, apreendido ao longo do tempo como a praia da Rocinha. Nesse espaço, o vivenciado pelas brincadeiras integra asfalto e favela, quando as crianças representam na praia a brincadeira de pipa típica das lajes da favela, contribuindo para a construção de suas identidades e integrando parcialmente a cidade formal com uma autoestima trabalhada em torno da apropriação da praia e do uso dela por meio de esportes geralmente atribuídos aos jovens do asfalto.

O sentido de superação se fez presente em brincadeiras de transposição de barreiras. Os espaços da floresta no limite do *Laboriaux* até a represa e a canaleta de drenagem do Morro Dois Irmão são apropriados no brincar de aventura. Observamos que a interação com o espaço é intensa, com as crianças transgredindo usos do ambiente (re)organizando-os a todo instante. Nesse caso, a demonstração de conhecimento sobre o espaço

vivido à medida que transpõem obstáculos marca a idéia do “poder ir além” com segurança, marcando o quanto a favela é permeável para a criança.

A sensação de segurança confere à favela da Rocinha especificidades que estimulam as crianças “a desenvolverem seus jogos com companheiros da mesma faixa etária e observarem os adultos” (Lima, 1989, p.92). A favela é entendida como “ponto de partida”, o lugar que enraíza o indivíduo e para onde a criança retorna ao final da brincadeira.

Precisamos ainda ressaltar que as constatações aqui feitas são específicas do espaço vivido da favela Rocinha. A localização “privilegiada” na zona sul carioca, a vista apreendida da Praia de São Conrado e da Lagoa Rodrigo de Freitas, a relação com a floresta e todas as redes de relações interpessoais e com os espaços livres internos e externos à favela contribuem para a construção da identidade da criança da Rocinha.

Acreditamos que o entendimento do significado e o elo de afetividade com o Lugar estabelecido pelas crianças nas interações da brincadeira com o espaço da favela proporcionem um arcabouço de referências capazes de orientar intervenções projetuais que primem pela valorização dos espaços livres, tanto no interior da favela como em áreas que integrem as realidades favela-asfalto, orientando a identificação e inserção do indivíduo no todo da cidade.

NOTAS

1. A palavra é colocada no sentido do que está à margem do sistema social e econômico.
2. A vitalidade do espaço é nos estudos de Lynch (1999) uma das categorias de análise da morfologia urbana mais significativas no espaço, referindo-se exatamente à diversidade de usos que são apropriáveis de um espaço.
3. Sobre os espaços públicos e privados das favelas, ver Brasileiro (2000) e Tozetto (2006).
4. A pesquisa de campo foi realizada cotidianamente, por meio de observação participativa, entre setembro de 2003 e maio de 2004.
5. “Projeto Curumim” é um programa implantado pelo governo estadual, à época da pesquisa, por meio da Fundação da Infância e Adolescência (FIA) em comunidades de baixa renda. Na favela da Rocinha, duas creches comunitárias tiveram esse programa, mas do início do trabalho de campo até o seu término somente o centro comunitário da Rua 1, dirigido por dona Elisa, ainda desenvolvia tal projeto, numa sede apropriada a essa finalidade, em parceria com o Núcleo de Estudos e Ação sobre o Menor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Neam/PUC-Rio), coordenado pela professora Marina Lamette Moreira.
6. Nos dias atuais a pipa é também usada pelo tráfico de drogas como sinalização codificada, dividindo o céu da favela da Rocinha com as pipas levantadas meramente como brincadeiras infantis.
7. “Poder paralelo” é como se denomina a presença do tráfico dentro de favelas. Muitas vezes esses grupos estabelecem relações assistencialistas junto aos moradores, a fim de obter maior aceitação da população.
8. “O termo ‘favelado’ traz em si um sentido pejorativo que estigmatiza aquele que mora na favela” (Coeelho, 2004, p.29).
9. Forma como comumente são denominados os jovens de classes média e alta da cidade do Rio de Janeiro, que na maioria das vezes habitam próximo às orlas da zona sul da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. da C. de. Complexidade, do casulo à borboleta. In: CASTRO, G de.; CARVALHO, E. de A.; ALMEIDA, M. C. (Org.) *Ensaio de complexidade*. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. p.21-41.
- AUGÉ, M. *O sentido dos outros*: atualidade da antropologia. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRASILEIRO, A. *Espaços de uso comunitário em programas habitacionais*: entre o discurso e a prática. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado) – Proarq, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- COELHO, G. do N. *Espaço vivido favela: brincadeiras infantis nos espaços livres da Rocinha*. Rio de Janeiro, 2004. Dissertação (Mestrado) – Proarq, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- DaMATTA, R. *A casa e a rua*. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DUARTE, C. R. The Favelas of Rio de Janeiro. In: OLIVER, P. (Org.) *Encyclopedia of the Vernacular Architecture of the World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. v.3.
- _____. Favelas. In: TEIXEIRA, F. C. et al. (Org.) *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX*. Rio de Janeiro: Campus, 2004. v.1, p.1-333.
- DUARTE, C. R. et al. *Favela, um bairro*. São Paulo: Proeditores, 1996.
- FISCHER, G.-N. *Psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- LIMA, M. S. *A cidade e a criança*. São Paulo: Nobel, 1989.
- LYNCH, K. *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- MAGNOLI, M. *Espaços livres e urbanização: uma introdução aos aspectos da paisagem metropolitana*. São Paulo, 1983. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Arquitetura, Universidade de São Paulo.
- MORIN, E. *O método 1: a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____. *O método 2: a vida da vida*. 2.ed. Porto Alegre: Sulinas, 2002.
- _____. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Porto Alegre: Sulinas, 2002.
- MORIN, E.; MOIGNE, J.-L. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Sulina, 2000.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO – versão 5.0. CD-ROM: POSITIVO Informática, 2004.
- PERLMAN, J. E. *O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- SOARES, F. F. *A favela e a floresta: um estudo das relações entre homem e meio ambiente*. Rio de Janeiro, 1999. Dissertação (Mestrado) – Prourb, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TAPSELL, S. M. Rivers and river restoration: a child's s-eye view. *Landscape Research*, Cambridge, v.22, n.1, 1997.
- TOZETTO, E. J. *Relações de espaço, lugar e cultura em comunidades de baixa renda: o caso da favela Parque da Cidade*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado) – Proarq, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- TUAN, Y.-F. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- VENTURI, R. *Complexidade e contradição na arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- VON, C. *A história do brinquedo*. São Paulo: Alegro, 2001.

RESUMO

Conhecer a experiência urbana de crianças moradoras de favela é a idéia que desenvolve a pesquisa que está na base deste artigo. Como ela percebe seu espaço? Onde brinca? Como constrói sua identidade a partir desse suporte espacial constituído de ruelas e becos? O objetivo do presente trabalho é demonstrar a complexidade de usos nos espaços livres da favela a partir das intervenções das crianças em seu próprio processo de desenvolvimento, ao adotarem determinados locais da favela como lugares de brincadeiras. A favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, é nosso estudo de caso. A investigação parte de dados coletados em conversas informais, fotografias e desenhos de crianças, orientando-se como uma pesquisa qualitativa e participativa, fundamentada nos estudos de Tuan, Fischer e Morin. Analisamos as brincadeiras que se apropriam dos espaços livres da favela, transformando-os em espaços de afetividade, reorganizando os usos do lugar. Admitimos tais interações como parte constitutiva da identidade do sujeito/criança – lugar/favela, a partir do momento em que a criança se reconhece como parte do meio. Trata-se de um registro de um território urbano peculiar, que encerra práticas sociais e representações

mentais construídas por crianças faveladas, que trazem em seus sonhos a imagem do que deve ser, para elas, o mundo urbano.

PALAVRAS-CHAVE: favela, criança, espaço livre, identidade.

CHILDREN AND FAVELA SPACE: THE COMPLEXITY OF SPACE IN CHILDHOOD INTERACTIONS

ABSTRACT

The idea behind this article is to learn what is the urban experience of children that live in slums. How does the child react to its environment? Where does the child play? How does the child build its character from the environmental interaction? The goal of this article is to disclose the complexity brought by the use of the out-door environment of the slums from the child's intervention in its own process of development, when they adopt certain areas of the slums as their playground. The Rocinha slum, in the city of Rio de Janeiro, is our case study. The investigation is grounded on data collected by informal conversations with the children, photographs and children drawings, oriented as a qualitative and participative research, based on previous studies from Tuan, Fischer e Morin. We analyzed the games that use the special out-door environment of the slums, transforming these places in affective environments, reorganizing the uses of this environment. We considered said interaction as playing a roll in the person/child's development – slum/slum, from the moment that the child notices itself as part of the environment. It is the knowledge of a peculiar urban environment that limits social practices and mental representations developed by slum children, that bring in their dreams the image of what should be, from their perspective, the urban world.

KEYWORDS: *slum, children, free space, identity.*